

## Capítulo 9

# Juventude e mídia: discutindo, criando e pesquisando

Luciana Lobo Miranda  
Juliana de Brito Cysne  
José Alves de Souza Filho

*Para que serve mesmo esta pesquisa?  
(Fala de um aluno da EEEP no fórum de restituição)*

## 1 • Introdução

Neste trabalho temos por objetivo discutir os jovens como produtores de mídia e como coprodutores de dados da pesquisa *Juventudes e mídia: um estudo sobre o consumo, apropriação e produção de mídia por jovens estudantes de escola pública de Fortaleza*<sup>1</sup>. Buscamos assim não apenas uma reflexão acerca dos resultados, mas uma problematização do próprio processo de pesquisar com jovens estudantes. Para isso, analisamos tanto o aspecto teórico-metodológico como a própria condição da pesquisa.

Em tempos midiáticos, a relação entre juventude e mídia têm chamado atenção por processos de interação e subjetivação que implicam novos modos de ser. Imersos na cultura audiovisual, os jovens não são apenas consumidores, mas também se colocam como produtores de mídia, sobretudo na *internet*. Como então trazer para o próprio contexto da pesquisa um pouco da relação que eles experimentam cotidianamente com a mídia?

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o protocolo 200.729.

Essa pesquisa teve como base teórico-metodológica a pesquisa-intervenção, relacionada à análise institucional francesa (Lourau, 2004; Paulon, 2005; Aguiar & Rocha, 2007) e a autores pós-estruturalistas como Michel Foucault, acerca do conceito de sujeito como efeito das relações de poder-saber (Foucault, 1979, 1987, 1995) e pesquisadores contemporâneos que discutem a relação subjetivação e mídia (Fischer, 2002; Sibilia, 2008, 2012).

Segundo Aguiar & Rocha (2007), a concepção teórico-metodológica da pesquisa-intervenção opera na micropolítica do cotidiano, atuando no plano dos acontecimentos e buscando analisadores que problematizam eventos tidos como naturais. Paulon (2005) salienta que o momento da pesquisa é também de intervenção, no qual produção teórica, produção do objeto e daquele que conhece só existem em relação. Intervir significa “vir-entre”, criando dispositivos de análise coletiva para a produção de acontecimentos (Paulon, 2005; Santos & Barone, 2006). Nesta pesquisa, o dispositivo criado por nós foi uma oficina de vídeo, em que os jovens, no território escolar, enunciaram a própria relação cotidiana com a mídia, por meio de vídeos produzidos por eles mesmos.

Segundo Castro (2008), o trabalho em grupo com crianças e jovens pode favorecer a desarticulação da desigualdade entre pesquisador e pesquisado, que muitas vezes reproduz no processo da pesquisa “as posições de sujeitos existentes, na sociedade e na cultura” (p. 21). O trabalho em grupo permite que o controle do processo se desloque entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa, pois crianças e jovens podem se sentir fortalecidos, “em torno de uma identidade grupal”, inclusive questionando “o próprio fazer do pesquisador” (p. 32). Assim, discutimos a oficina de vídeo como um dispositivo-grupo, no qual analisar o território de intervenção significa problematizar o encontro *entre* pesquisadores-jovens-escola.

Na reflexão deste *entre*, discutimos também o envolvimento do pesquisador no processo de pesquisa-intervenção, o que Lourau (2004) conceituou como análise de implicação.

Trata-se “de admitir que eu sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, ideias, etc.” (p.148). E, portanto, em vez de ir em busca de uma neutralidade, a análise de implicação discute a própria condição da pesquisa. Esta, no entanto, não deve ser confundida com apologia ao subjetivismo, com o caráter pessoal e da história de vida do próprio pesquisador. Kastrup (2008, p. 466) afirma que “Lourau é claro quando adverte que o que o conceito de implicação traz de mais importante é apontar que não há polos estáveis sujeito-objeto, mas que a pesquisa se faz num espaço do meio, desestabilizando tais polos e respondendo por sua transformação”.

Segundo Paulon (2005), Lourau destaca alguns níveis de análise que compõem implicações primárias, incluindo implicações com objeto, local, equipe e demandas sociais, além de implicações secundárias, abrangendo questões históricas e epistemológicas. Optamos por problematizar a própria teia em que circunscrevem as condições da pesquisa, em vez de realizar análise de implicação com esta separação. Cientes das implicações éticas e políticas como pesquisadores, colocamos em pauta os lugares ocupados por nós nesse processo. Portanto, a fim de discutir os jovens como produtores de dados de pesquisa a partir do dispositivo-grupo/ oficina de vídeo, faremos uma análise de implicação enquanto análise das condições da pesquisa.

## 2 • As condições da pesquisa: uma breve análise

Iniciamos nosso trabalho em 2011 como desdobramento da pesquisa *Adolescência e juventude brasileira: situações de risco e redes de proteção na cidade de Fortaleza*<sup>2</sup> realizada nos anos de 2009 a 2011, fruto da articulação entre os grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

<sup>2</sup> Projeto coordenado pela professora doutora Veriana Colaço, da Pós-Graduação em Psicologia da UFC, financiado pelo CNPq e que envolveu diversos docentes e alunos de ambos os programas (Colaço & Cordeiro, 2013).

da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). De base quantitativa, esta pesquisa contou com a participação de 43 escolas públicas, nas quais foram aplicados questionários a 1.140 estudantes entre 14 e 24 anos de idade. Os variados temas abordavam educação, sexualidade, lazer, violência e drogas, dentre outros, e tinham como objetivo traçar o perfil deles no contexto indicado. Nosso grupo ficou encarregado de discutir os dados relacionados à mídia, tanto ligados ao lazer (Miranda et al 2013-a) quanto à sexualidade (Miranda et al 2013-b). Em ambos, chamava atenção a participação da mídia como entretenimento, sociabilidade e lugar de enunciação de si.

Se, por um lado, a base quantitativa dos dados garante um tom abrangente de uma pesquisa; por outro, ela serve, sobretudo, para levantar novas questões a serem investigadas (Abramo & Branco, 2008). Como ocorrem o acesso, o consumo e a apropriação da mídia no cotidiano dos jovens dentro e fora do ambiente escolar? Como ocorre a relação lazer-mídia? Como se dão os modos de subjetivação dos jovens que tiveram contato com a mídia? Estas eram algumas das questões que nos instigavam e escapavam às análises de base estatística, pois só poderiam ser desenvolvidas em um espaço de troca, de escuta e de fala *com* os próprios jovens.

As tecnologias digitais têm influenciado diretamente os modos de vida deles (Lemos, 2013), afetando lazer, educação e sociabilidade (Miranda et al, 2013-a). Com isso, as formas de agir e de pensar juvenis são distintas de gerações anteriores, trazendo forte repercussão também para o ambiente escolar. A fim de analisar os modos de subjetivação atravessados pela mídia, propomo-nos não apenas a discutir com os jovens, mas a produzir *com* eles. Por estarem imersos na sociedade midiática (Moraes, 2006), a possibilidade de criar uma narrativa audiovisual, por meio do vídeo, para falar desta relação, parecia fecunda. Apostamos na oficina para constituir este espaço coletivo de análise e produção de conhecimento.

Uma nova fase da pesquisa se iniciava. De caráter qualitativo, precisávamos estabelecer critérios para contatar as escolas. Elencamos os seguintes: participação em fórum realizado na UFC<sup>3</sup>; apresentação de alto índice de consumo e produção de mídia em comparação às demais instituições; interesse em participar do projeto. Os dados estatísticos nos serviram para indicar algumas escolas em que a relação entre consumo e produção de mídia se destacava. Dentre as 43 participantes, escolhemos duas. Localizadas em bairros da periferia, em territórios que abrangem as regionais<sup>4</sup> V e VI do município de Fortaleza, e pertencentes à rede estadual de ensino, sendo uma voltada para o ensino profissionalizante (EEEP) e outra para o ensino fundamental e médio (EEFM) - ambas as escolas aceitaram participar desta nova etapa.

Apesar de inaugurada em 1979, só a EEEP em 2010 se tornou integrante da rede de ensino profissionalizante no Ceará, pelo Programa Federal Brasil Profissionalizado. Atualmente, conta com dez salas de aula, dois laboratórios educativos de informática (LEIs), biblioteca, auditório, centro de multimídias, pátio, refeitório, banheiros/vestiários, uma quadra esportiva e um espaço livre, utilizado como área de convivência, além de salas de coordenação, direção e professores. A escola possui *wi-fi*, embora os alunos não possuam a senha. A instituição atende a cerca de 160 estudantes nos dias atuais e funciona em período integral com profissionalização em Administração, Informática, Secretariado e Contabilidade.

Já a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio foi fundada em 3 de maio de 1968. Atualmente, conta com 11 salas de aula, uma sala para socialização de professores (equipada com dois televisores, um computador e o servidor de *in-*

<sup>3</sup> Ao fim de 2011, os pesquisadores envolvidos na pesquisa realizaram o fórum Conhecer para Proteger, para o qual representantes das 43 escolas e das secretarias municipal e estadual de Educação, além de movimentos sociais, foram convidados a discutir os resultados da pesquisa. Na ocasião, foi distribuída uma cartilha homônima.

<sup>4</sup> Divisão político-administrativa do município de Fortaleza, no qual os bairros se encontram agrupados em cinco regiões (regionais) mais o Centro da cidade. São administrados pelas secretarias-executivas de cada região, vinculadas ao poder executivo na administração e manutenção do município. Na EEEP, a pesquisa ocorreu no biênio 2012-2013 e, na EEFM, entre meados de 2013 e 2014.

*ternet*, que fornece acesso para toda a escola), uma sala de multimeios, um laboratório de informática educativa (LEI), uma quadra para prática de esportes, pátio, banheiros, secretaria e cantina. A conexão com a internet se dá por cabo, pois não há rede wi-fi. A unidade possui 1.376 estudantes, sendo 696 matriculados no ensino médio. O funcionamento ocorre nos três turnos: pela manhã, ensino fundamental com 11 turmas; tarde, ensino médio, com nove turmas; à noite, seis turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e mais quatro turmas do ensino médio regular.

Realizamos contato com as instituições por meio de reunião para a apresentação do projeto aos núcleos gestores, que se mostraram interessados em nossa proposta. A receptividade de diretores, coordenadores e da professora do laboratório de informática (LEI), no caso da EEFM, levou-nos ao questionamento do lugar que ocupávamos como pesquisadores provenientes de uma instituição federal de ensino superior. Interrogamo-nos como as escolas poderiam ter recusado nossa proposta de pesquisa-intervenção frente ao convite realizado. Segundo Paulon (2005), a intervenção concede ao pesquisador uma posição de saber-poder evidenciada nas formalidades hierárquicas que se fazem presentes no campo de pesquisa.

Outra faceta dos papéis assumidos por nós perpassava a questão da psicologia. Quando em uma das escolas a coordenadora de nossa equipe foi solicitada pela instituição para ajudar em questões de indisciplina referente aos alunos, questionamo-nos acerca das expectativas que criamos nos gestores da instituição por pertencermos a uma profissão identificada por oferecer soluções para as relações afetivas dos sujeitos, especialmente dos ditos 'problemáticos'. Assim, corroboramos com o pensamento de Paulon (2005), segundo o qual a análise de implicação, ao colocar em evidência as condições da pesquisa, proporciona a discussão dos jogos de interesse e de poder encontrados no campo de investigação.

Após firmarmos o contrato de pesquisa, iniciamos a inserção nas escolas. Em ambas, o primeiro contato com os alunos ocorreu na *restituição* realizada, em forma de fórum, com apresentação dos resultados obtidos na pesquisa quantitativa. A restituição se diferencia da devolutiva por não se tratar da mera apresentação de dados tidos como verdadeiros, mas por constituir um momento de análise coletiva da situação presente que permite a (re)construção destes (Aguiar & Rocha, 2007; Paulon 2005; Santos & Barone, 2006). Discutindo os dados gerais articulados aos específicos de cada escola, e contando com a participação de praticamente todos os alunos do ensino médio, além de alguns professores e o núcleo gestor, observamos, em ambas as escolas, que, enquanto a pesquisa quantitativa apresentada anteriormente apontava para a TV como principal atividade de lazer, seguida por ouvir música e navegar na internet (Miranda et al 2013-a), os alunos afirmaram a preponderância recente da internet como lazer dentro e fora da escola.

Essa *restituição* dos dados quantitativos nos possibilitou um momento de reconhecimento do território da pesquisa, além da resignificação dela, pois, apesar de as vidas estarem cada vez mais atravessadas pela mídia, a TV estaria perdendo espaço para a *internet*. Ao fim do debate, discutimos a nova etapa da pesquisa e convidamos os estudantes para a oficina de vídeo.

Nos meses seguintes, conforme acordado com as escolas, entregamos e tiramos dúvidas acerca do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como realizamos observações participantes, conversas informais com alunos, professores e núcleo gestor, uma tarde por semana. A presença da mídia nos intervalos das aulas, como confluência de lazer e sociabilidade, foi um ponto comum por nós observado. Entretanto, o uso de *notebooks* particulares era maior na escola profissionalizante. Com utilização restrita ao laboratório de informática e bloqueio do *wi-fi*, os alunos descobriam a senha de segurança e acessavam a *internet*. Já na EEFM, o acesso era realizado prioritariamente pelo celular do tipo *smartphone*, por meio do 3G, estratégia encontrada devido à ausência de rede *wi-fi*.

Estas cenas enunciam o crescente poder exercido pelas novas tecnologias nas escolas contemporâneas. Sibilia (2012) discute como a escola, instância privilegiada na educação de corpos e subjetividades, atualmente rivaliza com a mídia. Enquanto a primeira ainda perpetua o modelo disciplinar como modo de subjetivação, (Foucault, 1987; Miranda, Sampaio & Lima, 2009; Sibilia, 2012), a mídia aparece impregnada de uma linguagem hipercontextualizada e efêmera capaz de produzir valores e saberes que, segundo Fischer (2002), destina-se à educação das pessoas e que Deleuze (1992) afirma ser uma nova forma de controle. Em conversas informais nas duas escolas, professores e gestores evocavam a dificuldade de controle no território escolar, diante da onipresença da mídia, enquanto outros problematizam a necessidade dessas novas linguagens e expressão para fins didático-pedagógicos.

Imbuídos na vivência em cada escola, planejamos a oficina de vídeo visando a discutir a relação entre juventude e mídia concomitantemente ao fazer mídia. A ideia era exibir vídeos de diferentes gêneros (publicidade, jornalismo, ficção, entre outros) que tematizavam a televisão, computador, *tablets* e celular, a fim de deflagrar o debate. A partir disso propusemos a discussão de conteúdos relacionados à linguagem técnica audiovisual, fotografia, sonorização, e instigamos os participantes da pesquisa a criarem vídeos com base na incidência da mídia nos modos de subjetivação juvenis.

Paralelamente à inserção no contexto escolar, reuníamos-nos semanalmente<sup>5</sup>. Nesses momentos discutíamos e colocávamos em análise as condições da pesquisa, delineando o passo seguinte como construção *ad hoc*, “que requer a habitação do território investigado e a implicação do pesquisador no trabalho de campo”. (Kastrup, 2008, p. 467). Merece destaque o fator tempo nos caminhos adotados, colocando alguns enquadramentos para a pesquisa, a exemplo dos prazos dos órgãos de fomento para a apresentação de resultados, o cotidiano escolar com os períodos de avaliação e a possível de-

<sup>5</sup> Nosso grupo de pesquisa era formado por uma professora doutora, Luciana Lobo Miranda, com alunos de mestrado e de graduação em Psicologia e de graduação em Sistemas e Mídias Digitais.

flagração de greve de professores da rede estadual. Diante do constrangimento do tempo, por vezes nos questionávamos se estaríamos, na oficina de vídeo, priorizando a produção em detrimento da discussão.

Com negociação de dia e horário com alunos e núcleo gestores, as oficinas, em ambas as escolas, foram realizadas prioritariamente aos sábados pela manhã, totalizando cerca de 20 horas<sup>6</sup>. Alguns inscritos não aparecerem no primeiro dia, mas, apesar disso, uma vez iniciado o processo, não houve evasão. Ao contrário, ao longo da oficina, outros alunos pediram para participar após este encontro, o que foi aceito. No total, 30 estudantes do ensino médio e uma professora do LEI (EEFM) produziram os dados da pesquisa. Como instrumento facilitador de contato, criamos um grupo no *Facebook*, rede social preferida por todos. Fotos do grupo, vídeos assistidos e recados eram por nós compartilhados. Seja nos encontros presenciais nas escolas, seja em nossas trocas via redes sociais virtuais, o processo da oficina de vídeo aos poucos ia se intensificando...

### 3 • Dialogar com jovens, criar com vídeos

Jobim e Souza (2011) analisam as tecnologias da imagem como possibilidade de narração da experiência atual e da importância das ciências humanas incorporarem essa narrativa, de forma reflexiva, como instrumento teórico-metodológico de problematização da contemporaneidade. O uso do vídeo em pesquisa pode ajudar na discussão acerca da nossa participação na criação da cultura, colocando em destaque as mediações tecnológicas que provocam certos modos de existência e que, de tão corriqueiros, muitas vezes se tornam invisíveis. Usá-lo como instrumento de pesquisa é, assim, trazê-lo para o centro da arena do debate, como retratado por Rafael<sup>7</sup> (EEEP), ao comentar um vídeo sobre televisão exibido na oficina:

<sup>6</sup> A Oficina de Vídeo ocorreu entre abril e junho dos anos de 2013 e 2014, na EEEP e na EEFM, respectivamente.

<sup>7</sup> Adotamos nomes fictícios para os alunos participantes da pesquisa. Fala transcrita sem modificação das normas gramaticais.

A emissora, por exemplo, só mostra o que ela acha que é certo, o que ela acha que vai ganhar audiência. Por exemplo, a televisão aqui da nossa cidade, tipo 190 [referência a programas jornalísticos policiais], não mostra uma coisa cultural, não mostra um projeto, só mostra morte. Por quê? Por causa que morte dá audiência. Mas não investe em cultura, não investe em conscientização pra gente. Principalmente pra gente jovem, porque a gente, sem brincadeira, quando eu chego em casa, a gente liga a televisão, 'tá passando novela. Eu particularmente não gosto de novela, aí, eu fico esperando começar o jornal. Aí, fico no computador. Quando começa o jornal, vou assistir, mas o jornal não é característico pra gente jovem, pra uma criança, não passa assim uma coisa mais focalizada pra gente.

Desta forma, busca-se um reposicionamento, não apenas do ato de pesquisa, mas do cotidiano em que muitas vezes somos, sob forma sutil ou não, capturados.

Na oficina, o vídeo foi utilizado como dispositivo de pesquisa. Segundo o sentido evocado por Foucault (1979), o dispositivo se coloca como uma rede heterogênea que compreende discursos, instituições, leis, atitudes que, conforme Deleuze (1988), constituem máquinas de fazer falar e fazer ver. Se os modos de subjetivação na atualidade são constantemente interpelados pelo dispositivo pedagógico da mídia (Fischer, 2002) - que atua como lugar privilegiado de discursividade e de visualidade, incidindo na formação de sujeitos contemporâneos -, como o uso do vídeo na pesquisa-intervenção, que tem como objeto a própria relação juventude e mídia, pode se constituir como dispositivo de pesquisa?

Pensar o vídeo como dispositivo de pesquisa significa trazê-lo para a centralidade da análise (Miranda, 2014), considerando-o como um agente interlocutor da pesquisa (Jobim E Souza, 2011). Construimos a formação do *entre* pesquisadores-jovens-escola atravessada pelos diferentes usos do vídeo, a saber: documento dos encontros, filmados por duas filmadoras, uma com os pesquisadores, outra com os jovens; disparador de debate, cujos vídeos sobre televisão, *internet* e

celular foram assistidos e analisados conjuntamente; restituição da pesquisa: vídeo do fórum e de uma reunião da pesquisa realizados pelos pesquisadores e exibidos na oficina; objeto de estudo: questões técnicas e de linguagem audiovisual trabalhadas no grupo; enunciativo de si: criação de vídeos pelos próprios jovens.

A cada encontro, a oficina de vídeo ia se tornando um espaço de criação coletiva. A evocação do coletivo traz a heterogeneidade para o centro do debate (Aguiar & Rocha, 2007). Os vídeos apresentados pelos pesquisadores traziam à tona formas distintas de pensar e sentir a relação com a mídia: “eu acho engraçado as pessoas que postam até uma piscada de olho. Pisquei três vezes o olho, aí, a pessoa: ‘pisquei três vezes o olho’. Se sentindo o máximo. A pessoa posta coisa que não tem nada a ver” (João, EEFM). Por outro lado, Marta (EEEP) afirma: “eu acho que você tem mais facilidade pra desenvolver qualquer assunto pelo *Facebook* com qualquer pessoa...”

Os alunos discutiam a respeito dos temas tratados na oficina e que permeiam a respectiva vida: o uso do celular no espaço escolar, a hiperconectividade, a espetacularização de si; enfim, vários assuntos cercados de debate, num fervilhar de ideias. No entanto, apesar de demandarmos um roteiro para a realização do vídeo, nenhuma das equipes chegou a realizá-lo, como explicitado no diálogo:

**Mariana:** Foi na hora. A gente ‘tava tudo sentado, aí, começou a pensar, a gente pegou e foi ver os vídeos do Chafurdaria. Aí, a Marcela pegou e deu a ideia de botar um bocado de celular na bolsa, aí, vinha uma pessoa assaltar e, depois que assaltava, pegava outro.

**Luciana:** E a outra história?

**Mariana:** Foi na hora. (EEFM)

A maioria dos vídeos foi gravada na própria escola, mobilizando colegas e professores com participações especiais. As gravações também eram um momento de troca e de aprendizagem, em que acompanhamos e demos sugestões para a cor-

porificação das ideias, a exemplo da discussão sobre o vídeo “Viage nas ideia!” (EEEEP), que abordava diferentes mídias em diferentes épocas:

**Luciana:** Não, perai (sic), jornal impresso é do século XIX e a imprensa é do século (...) o jornal não era colorido. A televisão já tinha colorido, mas o jornal, as fotos eram em preto e branco.

**Carlos:** Vaaalha!

(...)

**Luiza:** Colocar como carta.

**Luciana:** Ah, é legal essa ideia: uma pessoa dos anos [19]80 escrevendo uma carta.

Durante o processo da pesquisa cinco vídeos foram realizados pelos jovens, quatro EEEP e um na EEFM. Na escola profissionalizante, cada uma das equipes criou uma ficção de aproximadamente quatro minutos: 1) “Verdade”: trata da interação da mídia com o usuário, confrontando um estudante que prefere os livros a redes sociais midiaticizadas e um jovem intensamente conectado ao mundo virtual; ao fim, há uma mensagem de equilíbrio; 2) “Só mais um besteiro!”: *videoblog* em que os estudantes conversam sobre os usos cotidianos da *internet*, respondendo a questões fictícias, elaboradas por eles mesmos; 3) “Viage nas ideia!”: *stopmotion* em que traçam a linha evolutiva dos aparelhos tecnológicos, promovendo reflexões sobre como era a relação dos jovens com os das décadas 1980, 1990 e os anos 2000; 4) “Vamos brincar de quê?”: narrativa sem diálogo que compara as brincadeiras de antigamente (jogar bola, pular corda e bambolê) e da atualidade, relacionadas à mídia e às novas tecnologias.

Já na EEFM, duas equipes produziram pequenas histórias que abordavam o uso do celular em diversos contextos. Em virtude da unidade temática, sugerimos a união em um único vídeo, nomeado pelos alunos de “O mundo com celular”, sendo este composto por cinco partes num total de 19 minutos. “Do lixo ao luxo”: apresenta de maneira descontraída a evolução dos celulares que é associada a expressões de felicidade

dos jovens ao manusearem *smartphones*; “Esse é do ladrão”: aborda temas relacionados à violência urbana, fácil acesso à *internet* e exposição do eu ao mostrar uma garota sendo assaltada consecutivamente em um ponto de ônibus que permite acesso ao *wi-fi*, ao mesmo tempo em que comenta que vai postar o fato no *Facebook*; “O último celular do mundo”: narra uma sequência de roubos pelo último celular com *internet* do mundo, utilizando apenas efeitos sonoros, que transmitem a sensação de movimento e tensão; “O *Facebook* vicia mais”: enuncia, com humor, uma visão crítica acerca do vício causado tanto pelo uso de drogas quanto por esta rede social da *internet*. Uma jovem, que fuma um cigarro de maconha, é abordada e apresentada ao *Face*. Esta prefere, então, conectar-se à rede social citada, jogando o “baseado” fora; “O celular nas escolas”: retrata o uso do celular por alunos, professores e funcionários. Não há interação, pois todos estão atentos ao próprio celular.

Os vídeos produzidos pelos jovens são frutos não apenas das vivências cotidianas, marcadas pela sociedade midiaticizada, mas também pelos condicionantes da própria pesquisa, a exemplo do enquadre enunciativo (a escola; os vídeos-disparadores levados por nós; as discussões; a aprendizagem acerca da linguagem, dentre outros). Destacamos duas questões mais presentes nos vídeos e que foram problematizadas na oficina: a relação dos jovens com as mudanças da tecnologia e a hiperconexão.

#### **4 • Tecnologias de ontem e de hoje: modos de subjetivação em análise**

Alguns vídeos exibidos na oficina trataram da evolução tecnológica ao longo de diferentes gerações de juventudes. A tecnologia, segundo Lévy (2009), está longe de ser um determinante da juventude, ou seja, de ter uma relação de causa-efeito na construção social dos jovens. Ela é antes um condicionante que, atrelados a outros, ajudam a circunscrever uma época. A tecnologia exerce um papel condicionante na formação da cul-

tura e da sociedade, o que significa dizer “que algumas opções sociais e culturais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença” (Lévy, 2009, p.25). Esse condicionamento na produção histórica da cultura nos remete ao poder exercido pela tecnologia na micropolítica do cotidiano dos jovens, de modo que acreditamos ser inviável pensar a construção da juventude contemporânea sem considerar a relação dela com as mídias e tecnologias.

Por meio de vídeos como a reportagem *Quarenta anos do celular*<sup>8</sup>, que mostra a evolução do aparelho, assim como as vantagens adquiridas com a modernização dele, dialogamos com os jovens sobre a inserção das mídias nas respectivas vidas. Diante do questionamento levantado por nós, os jovens reafirmaram a forte presença das mídias nas histórias de vida, ressaltando as facilidades adquiridas. Também refletiram sobre a juventude dos pais e avós, época que não havia tanta influência midiática. Essas discussões resultaram em duas ideias para os vídeos, a saber:

(...) consiste em que... a gente quer trabalhar... vai ser linha do tempo... pra mostrar como é que foi a inserção da *internet* na juventude... nas duas realidades da juventude... na juventude antiga, nossos avós e pais... e na nossa juventude de hoje em dia... e, nisso, a gente quer passar uma ideia de que... essa inserção, né? E os prós e os contras, se isso realmente foi bom ou se foi ruim. E o que foi bom e o que foi ruim. A ideia do nosso vídeo consiste basicamente nisso. (Mário, EEEP)

Esta ideia foi alterada e culminou no vídeo “Vamos brincar de quê?”, descrito anteriormente. Outra equipe optou por fazer uma narrativa retratando a evolução das mídias e a relação dela com os jovens ao longo das décadas de 1980, 1990 e dos anos 2000. O telefone discado representa os anos 1980 e mostra uma jovem sem poder se locomover enquanto conversa; nos anos 1990, o videogame e o computador fazem parte do lazer dos adolescentes que se divertem em harmonia; por

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IqtooNzR2U0>. Acesso em: mar/2013.

fim, nos anos 2000, *smartphone* e *notebook* conectados à *internet* sugerem certa disputa entre os jovens para saber quem vai utilizá-los.

Esses vídeos retratam as discussões dos jovens sobre as mudanças de antigas práticas em prol das atuais, sobretudo, a dificuldade de se perceberem interagindo ou se comunicando de outras maneiras distantes das tecnologias digitais. Alguns relataram estar surpresos ao verem que deixaram de realizar antigas práticas de socialização, como sentar na calçada, e passaram a conversar com os pares via *Facebook*. Também realizaram comparações intergeracionais: “É só comparar, velho, do tempo dos pais de vocês, que não tinha internet, e o tempo de hoje: teve mudança, teve melhoria” (Rafael, EEEP).

Enquanto alguns recordavam com saudades das antigas brincadeiras e formas de socialização, conforme abordado no vídeo “Vamos brincar de quê?”, no qual jovens portando *laptops* chamam atenção de outros, que acabam abandonando bolas, cordas e bambolês, outros relatavam a importância das mídias nos modos como se comunicam e a inviabilidade de viverem sem a velocidade das comunicações midiáticas. Como afirma uma aluna no vídeo “Viage nas ideias!”, após o questionamento sobre a vida sem redes sociais: “Tu é doido cara?! Eu ia morrer sem minhas redes sociais” (Carla, EEEP).

Os jovens constantemente afirmaram a importância das mídias para formação humana: “eu acho que é uma influência que, querendo ou não, ou pouco ou muito, gera na formação do caráter dele, da personalidade dele, que pode durar muito tempo, muitos anos, até a fase adulta” (Vitor, EEEP). Essa experiência corrobora com Schwertner & Fischer (2012), ao tratarem da relação juventude e mídia na construção das novas gerações. Mesmo vivenciando de forma impactante os efeitos da mídia, esta rapidamente parece se incorporar nos modos de vida, subjetivando-os na relação com o mundo e com o si mesmo, ao ponto de os jovens não imaginarem as vidas sem aquela tecnologia. Esta questão acaba por nos deslocar para o segundo analisador presente no processo da pesquisa: a hiperconectividade.

## 5 • Hiperconexão: subjetividades conectadas

Condicionada, sobretudo pela *internet*, a hiperconexão parece permear o cotidiano dos jovens estudantes. Associado a esse fenômeno, manifestações como ciberdiários, *webcams* e redes sociais, a exemplo do *Facebook*, transformam o ciberespaço em um meio de sociabilização da cultura contemporânea, no qual pessoas comuns se expressam sob diferentes formas: ficcional, imagética ou confessional (Lemos, 2002; Sibilia, 2008).

Presente em vídeos exibidos por nós, como *O mundo sem internet*<sup>9</sup>, propaganda do *Sundown*<sup>10</sup>, *MTS Baby Internet*<sup>11</sup> e *Pense antes de postar I*<sup>12</sup> e *II*<sup>13</sup>, a hiperconectividade foi tema marcante nas oficinas com os jovens, tornando-se aspecto importante no enredo dos vídeos por eles produzidos. O *Facebook* assumiu posição de destaque nas discussões e se sobressaiu como a rede midiática social mais popular entre os estudantes, conforme afirmam Jorge (“todo mundo vive no *Face*” (EEFM)) e Mariana (“É o nosso mundo” (EEFM)). Apesar de discutirem sobre o fascínio exercido por esta ferramenta da *web*, no vídeo “O *Facebook* vicia mais” os jovens ironizaram ao afirmar que o *Facebook* vicia mais do que as drogas e demonstraram um posicionamento crítico frente à conexão excessiva a essa rede, afirmando ser uma espécie de alerta para as pessoas, pois celular e *Facebook* estão viciando tanto quanto as drogas.

O entrelaçamento de exposição de si, lazer e comunicação integra a principal finalidade de uso das redes midiáticas sociais. O chamado “show do eu” (Sibilia, 2008) está associado à presença da *internet* nas vidas: “tudo na nossa vida, a gente expõe na *internet*” (Joana, EEEP); à vontade de aparecer, de “ganhar 15 minutos de fama e ficar conhecido” (Lívia, EEFM); e ainda à necessidade de “mostrar o que é besta” (João, EEFM).

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pGYy6dMFSG8>. Acesso em: mar/2013.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sV-p34iKZTQ>. Acesso em: mar/2013.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FDakAVUwZA>. Acesso em: fev/2014.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=loRYN9b5wTg>. Acesso em: fev/2014.

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=L\\_rEj4Dndfl](https://www.youtube.com/watch?v=L_rEj4Dndfl). Acesso em: fev/2014.

Segundo Sibilía (2008), as possibilidades de se mostrar na rede mundial colocam em voga a pessoa que outrora não passava de um espectador comum. Dessa forma, vê-se a espetacularização do eu e da vida cotidiana. Essa temática aparece no *videovlog* “Só mais um besteiro!” pelo questionamento sobre o que os jovens pensam sobre fotos compartilhadas com pedidos de ajuda a crianças doentes. Já no vídeo “Esse é do ladrão”, observamos a espetacularização da vida cotidiana ironizada via tema da violência. No vídeo, uma garota está no ponto de ônibus mexendo no celular e se aproxima um ladrão que rouba o aparelho. Imediatamente, ela comenta: “Estou sendo assaltada, vou postar no *Face*”.

O tema da hiperconexão também atravessa a sociabilidade dos estudantes. Marcela (EEEP) afirma que as redes sociais também (des)socializam, pois, confessa deixar de sair para ficar conectada ao *Facebook* e, assim, pouco encontra com amigos de infância que moram nas redondezas.

**Marcela:** As pessoas costumam dizer hoje em dia que as redes sociais socializam as pessoas, mas a *internet* também “(des)socializa”. Eu sou um exemplo vivo, real, porque eu tenho amigos que eu moro na mesma rua, de infância, a gente cresceu junto (...). Hoje em dia, a gente só se vê uma vez no final de semana, se ele passar na rua e eu tiver na calçada, porque ele passa a semana inteira no computador, ele não sai de casa de jeito nenhum. Aí, no fim de semana [é] quando eu tirava pra ficar até meia-noite na calçada, eu não faço mais isso. Sete horas, eu fico na cama, com o celular, no *Facebook* até meia-noite. Não saio mais de casa de jeito nenhum.

**Jonas:** E, quando você vê na rua, você nem fala.

**Marcela:** Exatamente!

**Jonas:** Chega em casa e “Ei, te vi na rua”.

Embalados na discussão gerada na oficina, o vídeo “Verdade” aborda o tema com um adolescente vivendo apenas no mundo virtual, não saindo da frente do *notebook* nem para se alimentar. Pelo roteiro, os jovens tentam passar uma mensagem de equilíbrio no tocante do uso das mídias, porém, nas discussões, afirmaram não as utilizar dessa maneira.

Segundo os estudantes, os *smartphones* são responsáveis pelo fato de estarem conectados durante todo o dia, até mesmo em um ambiente proibido, o escolar: “eu postei um dia assim: ‘quem tá aqui na escola e tá *online*?’ Rapaz, só deu 27 curtidas, só da minha sala” (João, EEFM). A onipresença da mídia concretizada pelo celular no cotidiano dos jovens envolvidos na pesquisa foi tema-título do vídeo “O mundo com celular”, no qual todas as sub-histórias estão diretamente relacionadas com este aparelho, seja evocando possibilidade constante de comunicação, seja como objeto-ícone da juventude. Além disso, no início do enredo, os jovens criaram uma espécie de propaganda interativa ressaltando “as funções inéditas” e as vantagens de um “super-hiper-ultra-mega-extra-espetacular celular”, o *Netfree* (Martina, EEFP).

Desse modo, os usos das tecnologias associadas à hiperconexão e às ferramentas da *web* são maneiras encontradas pelo sujeito da contemporaneidade para se inserir socio-culturalmente, uma vez que estas norteiam “outras formas de ser e estar no mundo” (Sibilia, 2008, p. 23). Assim, à medida que discutiam e produziam vídeos, os jovens construía uma teia de informações que anunciava as narrativas pessoais e os modos como reconheciam a si mesmo. Teia esta com fios entrelaçando pesquisadores-jovens-escola que algumas vezes preponderaram nos vídeos um discurso socialmente dirigido ao que, para eles, nós supostamente gostaríamos de ouvir: “equilíbrio”, “crítica” etc., mas também dava visibilidade à exposição de si e ao fascínio que as mídias e as novas tecnologias provocam nas próprias vidas.

## 6 • Novos fios da pesquisa

Ressaltamos que os vídeos criados pelos jovens no dispositivo-grupo/ oficina de vídeo, antes de serem uma soma de subjetividades individualizadas, foram analisados como expressão de um modo de subjetivação coletivo que se produziu no *entre* pesquisadores-jovens-escola-oficina de vídeo. E este *entre* não foi idêntico nas escolas.

Se, por um lado, o processo da pesquisa foi marcado pelos analisadores diferenças temporais e hiperconectividade, por outro, com seu caráter *ad hoc*, a pesquisa se caracterizou por processos singulares relacionados ao enquadramento enunciativo distinto em cada escola.

Na EEEP, a investigação foi atravessada pelo futuro profissional dos estudantes, que nos solicitaram uma declaração de participação da oficina, com finalidade de enriquecer o currículo. Temas de como deveriam se comportar nas redes sociais quando estivessem estagiando constantemente vinham à tona. Também observamos a existência de competição entre os alunos decorrente do constante julgamento e comparação entre os vídeos produzidos.

Na EEFM, ressaltamos a participação da professora do LEI na oficina. Apesar dos diferentes locais formais ocupados, esta se colocou como aprendiz daquele espaço coletivo de expressão, desnaturalizando a relação de saber-poder existente muitas vezes na díade professor-aluno. A presença dela não impossibilitou a discussão de assuntos polêmicos como o uso do celular em sala, demonstrando existir uma relação de confiança com os participantes. O clima de cooperação esteve presente e constituiu o território de análise.

Após um longo percurso, em cada escola, chegou a hora da exibição. A primeira ocorreu com os participantes da oficina, com quem discutíamos para saber quais dos vídeos seriam mostrados. Apesar de a maioria apreciar o resultado, nas duas instituições, os estudantes demonstraram certo receio no julgamento dos pares, ao passo que foi solicitado e enfatizado pelos alunos o comparecimento de professores e da gestão, como oportunidade de mostrar o que eram capazes de fazer. Tanto a exibição restrita aos jovens quanto a aberta à escola se configuraram como momentos de restituição, nos quais analisamos conjuntamente não apenas os resultados, mas o próprio processo da pesquisa. Na ocasião, alguns possíveis desdobramentos foram propostos pela comunidade escolar: possibilidade de um curso profissionalizante em audiovisual, cogitado pela direção

da EEEP e criação de um núcleo de vídeo, a exemplo da rádio escolar já existente, proposta por alunos da EEFM. Em ambas, havia a inquietação de fazer algo novo no cotidiano escolar.

Por fim, voltemos à discussão dos jovens como produtores de dados da pesquisa. A pesquisa-intervenção propõe a atuação na construção de dados, modificando pesquisadores e campo: prestar atenção em quanto tempo ficam conectados; observar os movimentos de câmera, os cortes, a trilha sonora que compõem a linguagem audiovisual; sentir vontade de fazer algo diferente na escola - estes foram alguns aspectos ressaltados pelos jovens. Mas, e nós pesquisadores? O que este entrelaçamento pesquisa-jovens-escola provocou em nós? Para que serve esta pesquisa?<sup>14</sup>

Sem querer ter uma resposta acabada, acreditamos que a pesquisa serve para ajudar a problematizar o que nos inquieta, trazendo uma riqueza maior à análise, saindo também de nossa zona de conforto. Confrontar nossas ideias, colocando em diálogo pensadores como Foucault, Deleuze, Lévy, Sibilia, Lemos, com Marcela, João, Jonas, Carla, Jorge, Mariana e outros, possibilitando processos de encontro que nos ajudam a pensar a micropolítica do cotidiano da própria pesquisa-intervenção. Nesse encontro, algumas “certezas provisórias” foram se constituindo ao longo do presente trabalho: mais do que respostas, uma pesquisa ajuda a formular boas perguntas.

## Referências

ABRAMO, H.; BRANCO, P. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

AGUIAR, K.; ROCHA, M. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. *Psicologia ciência e profissão*, v. 27, n. 4, p. 648-663, 2007.

---

<sup>14</sup> Referência ao questionamento da epígrafe.

CASTRO, L. Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, L. & BESSET, V. (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*, Rio de Janeiro: NAU/FA-PERJ, 2008, p. 21-42.

COLAÇO, V.; CORDEIRO, A. *Adolescência e Juventude: Conhecer para Proteger*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2013.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G. Post Scriptum sobre a Sociedade de Controle In: *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 219-226.

FISCHER, R. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. (Org.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

JOBIM E SOUZA, S. *Por Uma Epistemologia da Imagem Técnica*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 6, n. 2, ago/dez 2011, p. 206-210.

KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. & BESSET, V. (Org.). *Pesquisa-Intervenção na infância e juventude*, Rio de Janeiro: NAU, 2008, p. 465-489.

LEMOS, A. A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet. In: *Cultura da rede*. Revista de Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002.

LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURAU, R. Objeto e método da análise institucional. In: ALTOÉ, S. (Org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004, p.66-68.

MIRANDA, L., SAMPAIO, I. S. V.; LIMA, T. R. Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal. *Comunicação & Sociedade*, v. 30, n. 51, jan/jun, p. 89-112, 2009.

MIRANDA, L., et al. Consumo e Produção Midiática por estudantes de Escolas Públicas de Fortaleza/Brasil. *Revista Interações*, n. 26, p. 169-190, 2013a.

MIRANDA, L., et al. Juventude, Sexualidade e Mídia: Aspectos analisados no município de Fortaleza. In: COLACO, V.; CORDEIRO, A. (Org.). *Adolescência e Juventude: Conhecer para Proteger*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2013b, p.199-236.

MIRANDA, L. Uma câmera na mão e um dispositivo na cabeça: Carta Aos Pesquisadores. In: TAVARES, G.; MORAES, M.; BERNARDES, A. (Org.). *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES, 2014, p. 77-88.

MORAES, D. (Org.). *Sociedade Midiatizada*, Rio de Janeiro: Maud, 2006.

PAULON, S. A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 3, set/dez, p. 18-25, 2005.

SANTOS, N.; BARONE, L. Uma pesquisa intervenção em análise: militância, sobreimplicação ou ato político? In: MACHADO, A.; ROCHA, M.; FERNANDES, A. (Org.). *Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 67-86.

SCHWERTNER, S.; FISCHER, R. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. *Educ. rev.* [online], v.28, n.1, p. 395-420, mar 2012.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, P. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.